UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
COMISSÃO EXECUTIVA DO VESTIBULAR

VESTIBULAR 2016.2
2ª FASE - 1º DIA
REDAÇÃO E LÍNGUA PORTUGUESA

APLICAÇÃO: 26 de junho de 2016
DURAÇÃO: 04 HORAS
INÍCIO: 09 horas
TÉRMINO: 13 horas

Nome: _____ Data de nascimento: _____

Nome de sua mãe: _____

Assinatura: _____

Após receber sua **folha de respostas**, copie, nos locais apropriados, uma vez com **letra cursiva** e outra, com **letra de forma**, a seguinte frase:

Educa-se com serviço e abnegação.

ATENÇÃO!

Este caderno de provas contém:
- Prova I – Redação;
- Prova II – Língua Portuguesa, com 20 questões.

Ao sair definitivamente da sala, o candidato deverá assinar a folha de presença e entregar ao fiscal de mesa:
- a FOLHA DE RESPOSTAS preenchida e assinada;
- a FOLHA DEFINITIVA DE REDAÇÃO;
- o CADERNO DE PROVAS.

Será atribuída nota zero, na prova correspondente, ao candidato que não entregar sua folha de respostas ou sua folha definitiva de redação.

NÚMERO DO GABARITO

Marque, no local apropriado de sua folha de respostas, o número 2, que é o número do gabarito deste caderno de provas e que se encontra indicado no rodapé de cada página.

LEIA COM ATENÇÃO!
INSTRUÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DAS PROVAS

1. Ao receber o caderno de provas, o candidato deverá examiná-lo, observando se está completo, e se há falhas ou imperfeições gráficas que causem qualquer dúvida. Em qualquer dessas situações, o fiscal deverá ser informado imediatamente. A CEV poderá não aceitar reclamações após 30 (trinta) minutos do início da prova.

2. O candidato deverá escrever seu nome, sua data de nascimento e o nome de sua mãe no local indicado na capa do caderno de provas.

3. DA PROVA I - REDAÇÃO:

3.1. A Redação deverá ser feita na folha própria, denominada Folha Definitiva de Redação, que é distribuída aos candidatos juntamente com o caderno de provas. Ao receber a Folha Definitiva de Redação, que será personalizada, o candidato deverá conferir atentamente todos os seus dados; caso haja alguma discrepância, deverá comunicar imediatamente ao fiscal de sala.

3.2. Na Folha Definitiva de Redação, o candidato deverá apor, no local apropriado, sua assinatura (igual à da identidade).

3.3. Caso tenha solicitado intérprete de LIBRAS, o candidato deverá marcar, com X, o quadrículo que se encontra na Folha Definitiva de Redação para esse fim.

3.4. O caderno de provas contém uma folha para rascunho (semelhante à Folha Definitiva de Redação) que poderá ser utilizada para treino, contudo não poderá ser destacada nem entregue em substituição à Folha Definitiva de Redação.

3.5. A folha para rascunho não será objeto de correção.

3.6. A Redação deverá ser escrita a caneta, de tinta de cor preta ou azul.

3.7. Por medida de segurança, não serão aceitas redações escritas a lápis.

3.8. É permitido ao candidato fazer sua redação em letra de forma.

3.9. A Folha Definitiva de Redação não será substituída, em nenhuma hipótese, por erro do candidato. Portanto, o candidato deverá fazer sua redação atentamente, evitando erros e excesso de rasuras.

3.10. Em caso de erro quando da escrita da redação, o candidato poderá usar corretivo, desde que:

a) tenha consigo seu próprio corretivo;

b) a colocação do corretivo não interfira na leitura nem na compreensão, por parte da banca corretora, do texto redigido;

c) os erros corrigidos não se encontrem em muitas linhas, seguidas ou não.

3.10.1. O candidato que não possuir corretivo, não poderá pedi-lo emprestado ao fiscal nem a outros candidatos.

3.10.2. O Fiscal ou o Coordenador não emprestarão corretivo ao candidato, qualquer que seja o pretexto.

3.11. É importante que a redação atenha-se às instruções da prova, esteja de acordo com o gênero textual solicitado e respeite a delimitação do número mínimo de 20 (vinte) e do máximo de 25 (vinte e cinco) linhas escritas.

3.12. Não é necessário colocar título na redação.

3.13. O candidato não deverá apor assinatura nem qualquer outro tipo de identificação no espaço destinado para a escrita da redação, mesmo que o texto produzido seja do gênero carta.

3.14. As colunas contidas na margem direita da Folha Definitiva de Redação, bem como o espaço destinado à colocação do número de linhas não escritas, localizado no rodapé da Folha Definitiva de Redação, **não devem ser preenchidos**; esses espaços são reservados à banca corretora.

3.15. O número máximo de pontos da prova de redação é 60 (sessenta).

3.16. Será atribuída nota zero, nesta prova, ao candidato que não entregar sua Folha Definitiva de Redação.

4. DA PROVA II - ESPECÍFICA:

4.1. A folha de respostas será o único documento válido para a correção da prova. Ao recebê-la, o candidato deverá verificar se nela constam e estão corretos: seu nome, seu número de ordem e o número de sua inscrição. Caso haja discrepância, o fiscal deverá ser informado imediatamente.

4.2. A folha de respostas não deverá ser amassada nem dobrada para que não seja rejeitada pela leitora óptica.

4.3. Após receber a folha de respostas, o candidato deverá ler as instruções nela contidas e seguir as rotinas abaixo:

a) copiar, no local indicado, duas vezes, uma vez com **letra cursiva** e a outra com **letra de forma**, a frase que consta na capa do caderno de provas;

b) marcar, na folha de respostas, pintando completamente, com caneta transparente de tinta azul ou preta, o interior do círculo correspondente ao número do gabarito que consta no caderno de provas;

c) assinar a folha de respostas 2 (duas) vezes.

4.4. As respostas deverão ser marcadas, na folha de respostas, seguindo as mesmas instruções da marcação do número do gabarito (subitem **4.3 b**), indicando a letra da alternativa de sua opção. É vedado o uso de qualquer outro material para marcação das respostas. Será anulada a resposta que contiver emenda ou rasura, apresentar mais de uma alternativa assinalada por questão ou, ainda, aquela que, devido à marcação, não for identificada pela leitura eletrônica, uma vez que a correção da prova se dá por meio eletrônico.

4.5. O preenchimento de todos os campos da folha de respostas referente à Prova Específica será da inteira responsabilidade do candidato. Não haverá substituição da folha de respostas por erro do candidato.

4.6. Será atribuída nota zero ao candidato que se enquadrar, dentre outras, em pelo menos uma das condições seguintes:

a) não marcar, na folha de respostas, o número do gabarito de seu caderno de provas, desde que não seja possível a identificação de tal número;

b) não assinar a folha de respostas;

c) marcar, na folha de respostas, mais de um número de gabarito;

d) fizer, na folha de respostas, no espaço destinado à marcação do número do gabarito de seu caderno de provas, emendas, rasuras, marcação que impossibilite a leitura eletrônica, sinais gráficos ou qualquer outra marcação que não seja a exclusiva indicação do número do gabarito de seu caderno de provas, conforme a instrução **4.3 b**.

4.7. Para garantia da segurança, é proibido ao candidato copiar o gabarito em papel, na sua roupa ou em qualquer parte de seu corpo. No entanto, o gabarito oficial preliminar e o enunciado das questões da prova estarão disponíveis na página da CEV/UECE (www.uece.br/cev), a partir das 16 horas do dia 26 de junho de 2016, e a imagem completa de sua folha de respostas estará disponível a partir do dia 06 de julho de 2016.

4.8. Qualquer forma de comunicação entre candidatos implicará a sua eliminação da 2ª Fase do Vestibular 2016.2.

4.9. Por medida de segurança, não será permitido ao candidato, durante a realização da prova, portar (manter ou carregar consigo, levar ou conduzir), dentro da sala de prova, nos corredores ou nos banheiros: armas, aparelhos eletrônicos (bip, telefone celular, smartphone, tablet, iPod, pen drive, mp3 player, fones de ouvido, qualquer tipo de relógio digital ou analógico, agenda eletrônica, notebook, palmtop, qualquer receptor ou transmissor de dados e mensagens, gravador, etc.), gravata, chaves, chaveiro, controle de alarme de veículos, óculos (excetuando-se os de grau), caneta (excetuando-se aquela fabricada em material transparente, de tinta de cor azul ou preta) e outros objetos similares. (Estes itens deverão ser acomodados na embalagem porta-objetos que será disponibilizada pelo fiscal de sala, colocados debaixo da carteira, e somente poderão ser de lá retirados quando o candidato sair em definitivo da sala.)

4.10. Bolsas, livros, jornais, impressos em geral, ou qualquer outro tipo de publicação, bonés, chapéus, lenços de cabelo, bandanas ou outros objetos que não permitam a perfeita visualização da região auricular do candidato deverão ser apenas colocados debaixo de sua carteira.

4.11. Na parte superior da carteira, ficará somente a caneta transparente, o documento de identidade, o caderno de provas, a folha de respostas e o corretivo para uso exclusivo na redação, se for o caso.

4.12. Os três últimos candidatos deverão permanecer na sala de prova e somente poderão sair do recinto juntos, após a aposição em ata de suas respectivas assinaturas; estando nessa condição, o candidato que se recusar a permanecer na sala de prova, no aguardo dos demais candidatos, será eliminado do Vestibular 2016.2, de acordo com a alínea **j** do subitem **10.17** do Edital que rege o certame.

4.13. O candidato, ao sair definitivamente da sala, deverá entregar a Folha Definitiva de Redação, a folha de respostas e o caderno de provas, e assinar a lista de presença, sendo sumariamente eliminado caso não faça a entrega da FOLHA DE RESPOSTAS ou da FOLHA DEFINITIVA DE REDAÇÃO.

4.14. Os recursos relativos a esta prova deverão ser interpostos de acordo com as instruções disponibilizadas no endereço eletrônico www.uece.br/cev.

.....

RASCUNHO DA REDAÇÃO

Se desejar, utilize esta página para o rascunho de sua redação. Não se esqueça de transcrever o seu trabalho para a Folha Definitiva de Redação.

Esta página não será objeto de correção.

NÃO ESCREVA NAS COLUNAS ABAIXO.

		T	NG	CE
	01			
	02			
	03			
	04			
	05			
	06			
	07			
	08			
	09			
	10			
	11			
	12			
	13			
	14			
	15			
	16			
	17			
	18			
	19			
	20			
	21			
	22			
	23			
	24			
	25			
	TOTAL			

PROVA I: REDAÇÃO

Contextualização:

Em 2013, o jornal *O Povo* lançou um desafio a alguns colaboradores: cada um deveria escrever uma crônica para homenagear Fortaleza. No dia 13 de abril daquele ano, o jornal comemorou o aniversário da cidade publicando crônicas desses diversos autores, que enfocaram aspectos variados da vida na capital cearense. Uma amostra dessa diversidade de olhares são os trechos das crônicas RIO, MAR e MINHA PEQUENA FORTALEZA, que estão incluídos entre os textos de apoio.

Propostas de escrita

Prezado candidato,

Inspirando-nos na ideia de O Povo, lançamos a você, nesta prova, o desafio de escrever sobre o lugar onde você mora. Dependendo do que tem a dizer e do enfoque que deseja dar ao tema, você deverá optar por uma das propostas sugeridas a seguir.

Proposta 1: Escreva uma crônica tendo como foco algum(ns) fato(s) do cotidiano do lugar onde você mora (cidade, vila ou comunidade rural).

Proposta 2: Escreva um artigo de opinião discutindo questões relevantes relacionadas à vida do lugar onde você mora (cidade, vila ou comunidade rural).

Textos de apoio

Os textos 1, 2, 3 e 4 foram selecionados para subsidiá-lo(a) na escrita. Leia-os e desenvolva sua redação seguindo a proposta escolhida.

TEXTO 1

RIO, MAR

Urik Paiva

[...] Nós tínhamos uma espécie de projeto, eu e Nikos, de não ter rumo em nossos passeios. Conversávamos bastante; e, dessa forma, desbravamos, grande circular, quase toda a Barra do Ceará. Nikos era um pastor alemão de grande porte, o que facilitava nossas costuras pelo bairro: o cão me dava alguma respeitabilidade. Desconfio que ele pensava a mesma coisa de mim, mas ninguém precisava saber que éramos dois frouxos.

As coisas mudam muito por aqui, mudam em todo canto, e em mim. Posso enxergar essa ponte se fazendo do nada. Um trabalhador da obra caiu de barriga no rio e morreu, foi o que a galera chegou contando à época. De lá pra cá, eu mesmo já caí de barriga em alguns fatos e sobre algumas pessoas, mas venho sobrevivendo.

Agora, aqui, diante do rio, diante do mar, estou à prova. Quero passar dessa tempestade. Elejo, como que pescando, bons pensamentos para sobreviver, mas é uma seleção difícil. É possível se morrer pensando? Sim, existem uns muito perigosos. [...]

Meu rio anda se tornando mar, Nikos. Está se caudalando. Dezoito anos, hora de nascer. [...] Vou ter de aprender a nadar nesse mar: terminar a faculdade, arrumar um emprego. Todos os anos falo de morar sozinho, longe da Barra da saia da mãe, mas nunca parto.

As coisas mudam, mas são as mesmas. Nos anos 70, alguém deve ter entendido, no meio do salão do Clube de Regatas, noite de baile, as mesmas coisas que eu estou entendendo agora: que nem todos os planos dão certo, nem todos os amores são correspondidos, nem tudo cabe no bolso. É disso que eu estou falando, Nikos, do aprendizado da vida, da convivência com o fracasso. [...]

Todas as pessoas têm problemas, mas nem todas reparam no horizonte; e aí é onde está o pulo do gato. Os meus problemas, chego à conclusão, são pequenos em relação aos de muitos aqui. [...] Aqui a barra é pesada, Nikos. É um mundo cão, com todo o respeito a você. A gente precisa aprender a lidar, com o que está dentro, com as inconstantes águas de dentro. [...]

Nikos, já se passaram alguns anos; já sou o que se pode chamar de adulto. Terminei a faculdade, estou trabalhando, mas não saí da Barra ainda (nesse ano, será?). Talvez porque só assim eu veja o pôr-do-sol da janela do ônibus, essa cena que me comove. Queria que pudesse ver como estou agora, Nikos, mas você já está no céu dos cachorros. Sinto falta de sua aprovação canina, porque o mundo não é muito simpático. [...]
Mas nós somos o mundo, eu e todo mundo [...] Dividimos, então, o mesmo oceano difícil. Engolir água, bater a cabeça num banco de areia, ser atravessado no estômago por um cardume de peixes, e ainda assim ser uma Fortaleza.

Adaptação http://www.opovo.com.br/app/opovo/cadernosespeciais/2013/04/13/

TEXTO 2

MINHA PEQUENA FORTALEZA

Sandra Helena de Sousa

Fortaleza era uma cidade invisível para mim. Uma cidade que não respondia minhas perguntas. Eu odiava até, supremo pecado, o inclemente sol de Fortaleza. Foi preciso me afastar dela, milhas de quilômetros, para senti-la pulsando intransigente em meu peito. Sim, porque nossa cidade sempre nos acompanha. A cidade de nossa infância é sempre o mundo inteiro em nós.[...]

Filha de trabalhadores pobres nasci e cresci na Vila do Meio. Desde cedo aprendi que por isso eu era melhor do que aqueles da Vila do Arame, vá lá saber por quê. As tais vilas margeavam o recente e imponente Ginásio Paulo Sarasate e essa localização privilegiada sempre me rendeu dividendos na escola, apesar da casa minúscula. Uma pobrinha bem localizada. [...]

Anos depois, de volta de uma incursão demorada no sul do País para estudos, vim a morar no Papicu, agora professora universitária, isto é, "rica". Agora eu era alguém que alugava um apartamento no nono andar, com varanda. Um luxo só. Lembro-me da primeira vez que cheguei à sacada e olhei para baixo. Uma ideia estranha me tomou: os prédios pareciam ter sido ali encaixados pelo alto, como se viessem pré-moldados. [...] Descobri que estávamos morando na Favela Verdes Mares, só que no nono andar. [...]

Um dia, resolvi descer e penetrar a favela, minha faixa de Gaza particular. Beber uma cerveja com os meus, pobres de origem como eu, mas tão distantes do que eu me tornara, pensava eu numa tarde de domingo especialmente melancólica. [...]

Entrei no boteco mais movimentado e barulhento e, enquanto aguardava a cerveja, um homem jovem que me pareceu ser o chefão do lugar aproximou-se e perguntou o que eu queria ali. "Não sou polícia, não sou isca, não quero drogas. Quero apenas tomar uma cerveja. Moro ao lado." "Sozinha? Não tem medo?" "Um pouco, mas a curiosidade é maior". "Fique tranquila, ninguém lhe fará mal, eu garanto". Quando saí um rapaz me acompanhou até a porta do prédio. Nunca me senti tão segura em Fortaleza. Por fora e por dentro. Nem antes, nem depois.

Papicu é Fortaleza concentrada em sua criminosa desigualdade. Há de conhecê-lo pelo alto e pelo baixo. Lá eu ouvi algumas das respostas que procurava sobre mim, desconcertantes mas que me tornam quem sou, com muito mais coragem.

Adaptação: http://www.opovo.com.br/app/opovo/cadernosespeciais/2013/04/13/

TEXTO 3

VIVER NA CIDADE

Denis Russo Burgierman

Ao contrário das formigas e das abelhas, os seres humanos geralmente vivem em grupos pequenos, familiares, bem isolados uns dos outros. E aí você pergunta: como assim? E as cidades? E as metrópoles ao redor do mundo? Cidades são exceções na história humana. O ser humano é, como regra, uma espécie rural. Foi só nos últimos milênios que descobrimos o conforto de viver numa cidade.

A ONU calcula que, depois de 100 mil anos de maioria rural, a população urbana chegou a 50% em maio de 2007. E agora, pela primeira vez desde o Big Bang, somos maioria. Há mais gente vivendo em cidades que no campo neste mundão. Mas isso não apaga o fato de que somos uma espécie mais dada à vida rural que à urbana.

A evolução nos construiu para plantar, capinar, colher, caçar, fofocar, coçar o dedão. Não para googlar, dirigir e falar no celular - isso aí ainda estamos aprendendo. Nossa vida tecnológica e urbana é uma raridade na história da humanidade.

Mesmo assim, é nas cidades que os lances mais emocionantes da história humana acontecem. É que cidades são lugares incríveis. Nelas, as coisas ficam perto umas das outras. As pessoas ficam perto umas das outras. Isso permite que tenhamos vidas riquíssimas, que seriam impossíveis num meio de mato. Podemos aprender com milhares de pessoas diferentes, circular entre culturas, trocar ideias. Podemos mudar de interesses um trilhão de vezes, em vez de passar décadas submetidos ao mesmo monótono calendário ditado pelas estações do ano, que determinam o plantio e a colheita.

Tudo isso é fascinante. Mas não faz sentido viver numa cidade se não formos aproveitar o que ela tem de bom. Se formos nos trancar em nossas casas, e não andarmos nas ruas, não vamos encontrar os outros, aprender com eles. Se nos dispersarmos com a quantidade de informação, não vamos nos concentrar em nada, e o que a cidade tem de fantástico vira ruído. Se formos nos domesticar por um empreguinho e nos acomodarmos com o fato de que precisamos do salário, toda essa riqueza desaparece de nossas vidas. Se entupirmos as ruas com carros e lixo, com câmeras de segurança e muros, aí ninguém se encontra, ninguém troca. E a cidade não serve para nada.

Adaptação: http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/cidade/conteudo_264632.shtml

TEXTO 4

A CIDADE IDEAL

Enriquez/Bardotti/Chico Buarque

Jumento: [...] Queríamos ir juntos à cidade, muito bem. Só que, à medida que a gente ia caminhando, quando começamos a falar dessa cidade, fui percebendo que os meus amigos tinham umas ideias bem esquisitas sobre o que é uma cidade. [...]

Cachorro: A cidade ideal dum cachorro
Tem um poste por metro quadrado
Não tem carro, não corro, não morro
E também nunca fico apertado

Galinha: A cidade ideal da galinha
Tem as ruas cheias de minhoca
A barriga fica tão quentinha
Que transforma o milho em pipoca

Crianças: Atenção porque nesta cidade
Corre-se a toda velocidade
E atenção que o negócio está preto
Restaurante assando galeto

Gata: A cidade ideal de uma gata
É um prato de tripa fresquinha
Tem sardinha num bonde de lata
Tem alcatra no final da linha

Jumento: Jumento é velho, velho e sabido
E por isso já está prevenido
A cidade é uma estranha senhora
Que hoje sorri e amanhã te devora

Todos: Mas não, mas não
O sonho é meu e eu sonho que
Deve ter alamedas verdes
A cidade dos meus amores
E, quem dera, os moradores
E o prefeito e os varredores
As senhoras e os senhores
E os guardas e os inspetores
Fossem somente crianças

Adaptação: https://www.letras.mus.br/chico-buarque/85819/

PROVA II – LÍNGUA PORTUGUESA

Prezado(a) candidato(a),

Esta prova específica de Língua Portuguesa toma por base o texto a seguir, adaptado de um capítulo do livro O CONTADOR DE HISTÓRIAS, publicado pela Editora Globo em 1972 em homenagem aos quarenta anos de produção literária do escritor Érico Veríssimo.

QUERIDO ÉRICO

Lygia Fagundes Telles

Érico Veríssimo, meu querido:

Tão prontamente aceitei o convite para escrever uma página sobre você, com tanta alegria fui dizendo *sim* que em seguida nem pude me lamentar pelo que paguei — pelo que tenho pago sempre por essa minha face arrebatada e fácil no sentido de não calcular. Não prever os cipós nos quais acabo me enrolando todas as vezes que saio do meu gênero e faço outra coisa que não seja nitidamente a minha ficção. Fico insegura. *Gauche*. E então? Medo de ser pedante. Medo de ser sentimental. Aceitam os senhores da Globo um conto com Érico na pele de personagem principal? – tive vontade de perguntar.

Como descobrir a palavra exata, num depoimento tão pessoal, sem tocar nas detestáveis pontas que pareciam me aguardar com a implacabilidade do monstro de duas cabeças desafiando o viajante na encruzilhada? A cabeça da direita — a da razão — soltando fogo e fumo pelas narinas, a cabeça da esquerda — a do coração — soltando a mesma massa espessa de fumaça e chamas, tão perigosas quanto as da sua irmã gêmea. Nem possessa nem lúcida.

Sentei-me diante da folha em branco, tirei do copo de pedra minha caneta Bic e fiquei olhando, através da transparência plástica, a veia estática de tinta vermelha — sangue do pensamento ainda não pensado. E então? — perguntei-me ainda naquele estado de perplexidade que me faz crepúsculo, nem dia nem noite, mas uma coisa ambígua à espera do milagre de uma definição. A caneta plena e eu oca. E essa ideia do conto? Hein? Não serve um conto?...

Nem pedante nem sentimental, que ele não merece isso, repeti e fiquei sorrindo, porque nesse instante senti que você sorriu também. O sorriso foi se transformando num *riso* lento e descontraído, sem nenhuma ironia, apenas divertido. Rimos juntos enquanto tomei um café e acendi meu cigarro: você tem razão, Érico, por que a palavra exata? Lá sei por onde andará a palavra exata, tão melhor usar nosso habitual diálogo, testemunho de que não só a arte é diálogo, mas principalmente a amizade. E como amizade também é memória, quero me estender à margem do rio do Passado Mais que Perfeito e ficar olhando a correnteza com a mesma antiga voz e a mesma cor, em meio do alarido delirante do presente [...]. Sou raiz que se apega e sou folha que se abandona nessa evocação orientada apenas pela terna vigilância de quem escreve a um amigo com a espontaneidade de poder dizer lá no alto: meu querido.

Érico Veríssimo, meu querido, é manhã e estamos no ano de 1943. [...] Concorri à vaga da Academia de Letras da escola [...] e a primeira coisa que me ocorreu fazer foi convidar você e Cecília Meireles para uma conferência na nossa Academia. [...]

No dia da sua chegada, não pudemos sequer ir buscá-lo no aeroporto. [...] Não, ninguém tinha carro nem nada, os motorizados da Faculdade não liam.

Sugeri que lhe déssemos uma pequena lembrança após a conferência [...] E, terminada a sessão, não seria interessante oferecer um uísque ao romancista? [...] Em que casa seria essa reunião?

Lembrei-me de telefonar a Mário de Andrade: estava viajando. Fomos procurar Oswald de Andrade, que nos recebeu com o maior calor, mas esfriou quando um colega deu sua baixaria: já que o Mário não estava em São Paulo, quem sabe ele, Oswald, poderia?... Uma reuniãozinha simpática, com uma dúzia de pessoas, quem sabe... Não podia, não. Estava fortemente implicado com o gaúcho, que tinha dois defeitos irremovíveis: primeiro, não se definia politicamente, quer dizer, não caíra nos braços do partido quando devidamente sondado. "Mas é possível uma coisa dessas? Num momento como este que atravessamos, um escritor ficar indiferente? Apático?! E bebemos mais um copo de cerveja, "enquanto Oswald passava ao segundo item da sua implicância. Então desatamos a rir, porque era mesmo engraçado, aquilo de ele se invocar com romancista por ser um romancista feliz. "Ele é feliz demais, não pode! Vende os livros, joga tênis e se casou, e continua casado a vida inteira com uma mulher só, é abusar! Ele ainda está casado com a mesma?", perguntou e, antes mesmo de ouvir a resposta, explodiu: "O dia em que ele comer o pão que o diabo amassou, nesse dia escreverá um grande livro, e eu lhe oferecerei uma festa. Mas antes tem que ficar desesperado, rasgado, preso e corneado até pelo cachorro".

Artista é todo aquele que bebe fel e querosene — concluí, enquanto assistia a uma aula de Legislação Social, onde sempre me entregava a pensamentos sobre Deus, a arte e a morte, etecetera. Esse e outros preconceitos adquiri e perdi com o tempo: foi na carne que senti, um dia, o julgamento de

um crítico, que ficou uma fúria comigo porque eu escrevia coisas mórbidas e em seguida ia fazer ginástica e jogar voleibol na Associação Cristã dos Moços. Mas como é que pode?

"O bom romancista é ao mesmo tempo um anjo e um cavalão, trabalha com as asas (as coisas mais finas, mais espirituais, mais belas) e com as patas, isto é, trabalho braçal, a resistência física e a paciência cavalar. Mas confio acima de tudo no Instinto. Que o anjo trabalhe montado no cavalo. E que no fim desapareça de todo a marca das patas e fique apenas a luz das asas. Bonito, não?" (*Porto Alegre, 29 de agosto de 1950.*)

Você dizia que não gostava nem de tango, nem de gato, nem de cachorro. Mas gostava de Bach, de criança e de cavalo. Eram os primeiros elementos de um gaúcho tranquilo que não dançava tango, mas tinha a cara do próprio. De um gaúcho discreto, de fala baixa, riso breve e fácil comunicação com o público, como ficou provado naquela noite de *invierno*, quando nos disse que acreditava, acima de tudo, na trilogia tão batida da verdade, da bondade e da beleza. Durante um dos debates que promovemos, um estudante lhe fez uma pergunta, não me lembro da pergunta, mas me lembro da sua resposta: "sou apenas um contador de histórias".

Fiquei meio chocada: estava no começo da carreira e minha autoconfiança e meu orgulho não aceitavam esse tipo de confissão. Um simples contador de histórias?

A um entrevistador que lhe fazia perguntas agudíssimas William Faulkner respondeu de repente; "Sou fazendeiro, moço". O entrevistador um crítico formado em Harvard, ficou histérico: "Escritor, diga escritor!" Então ele sorriu e se levantou para ir embora: "Sou fazendeiro". Mas nessa época eu ainda não tinha lido essa entrevista, que poderia ter me impressionado. Nessa época, eu ainda tateava no ofício: tamanho despojamento não fazia mesmo sentido diante da minha ambição.

É difícil encontrar uma criatura tão coerente no seu comportamento de absoluta fidelidade a si próprio e aos outros, aqueles nos quais você acreditou. Sua gente. Seus amigos. Sua música. Seus livros — ah, com que amor você se devotou ao seu doce mundo. Já naquele distante 1943 você parecia saber que o importante é cuidar da rosa do nosso jardim. Sem, contudo, se ausentar sem se omitir. E em algum momento você ficou indiferente aos problemas do nosso povo? Ao sofrimento desse povo? Aí estão os seus livros, através dos quais você se manifesta, participa deste tempo e deste vento. Sua voz transparece na boca das personagens, centenas de personagens falando alto da sela de um cavalo, da poltrona de uma sala governamental, de um coreto. Falando baixo do catre de uma prisão, que nas prisões se fala em baixo tom. A injustiça — eis o que mais fundamente parece tocá-lo —, a injustiça e todo o seu leque maldito, que vai da servidão à tortura.

01. A autora centraliza o texto no seguinte tema:

A) a arte literária.

B) o problema do temperamento dos escritores.

C) a questão política estudantil.

D) a visão da literatura pelos próprios escritores.

02. A escritora considera-se arrebatada e diz ter dificuldade para calcular as consequências de seus atos. Isso se dá, conforme ela declara,

A) em qualquer situação de vida.

B) quando se mostra pedante.

C) quando se sente insegura em relação à sua produção literária.

D) quando escreve sem valorizar o que chama de "habitual diálogo".

03. Lygia emprega uma metáfora para expressar o seu descuido em não calcular as consequências de suas ações referentes às escolhas literárias. Essa metáfora é construída

A) pelo vocábulo francês "Gauche" (linha 12), desajeitado.

B) pelo vocábulo português "cipós" (linha 8), nome dado às plantas sarmentosas.

C) pelo adjetivo português "pedante" (linha 12).

D) pela expressão portuguesa "minha ficção" (linha 11).

04. Atente ao excerto a seguir que trata sobre depoimento, o gênero no qual a autora insere seu texto: "Como descobrir a palavra exata, num depoimento tão pessoal" (linhas 17-18). A respeito do trecho, assinale a opção **INCORRETA**.

A) O uso do termo "tão" intensifica o grau de amizade que a autora expressa por Érico.

B) O gênero depoimento, como outros gêneros, pode levar o escritor à indecisão.

C) A autora se sente obrigada a escrever o depoimento em atendimento a um convite de Érico.

D) Para a autora, em seu depoimento, torna-se difícil usar a palavra exata.

05. Chama-se intertextualidade o diálogo que os textos mantêm entre si. Em todos os textos ocorre, de forma mais explícita ou mais implícita, o fenômeno da intertextualidade, ou seja, o resgate de elementos de outro(s) texto(s) anterior(es). O texto de Lygia é um caso de intertextualidade. Ele vem em forma de carta, isto é, aproveita as características do gênero carta, para construir uma crônica. Assinale com **1** o que for característico da carta e com **2** o que for aproveitado da carta para construir a crônica.

( ) Título: Meu querido Érico

( ) Vocativo: Érico Veríssimo, meu querido:

( ) Ausência da localidade e da data.

( ) Nome da autora após o título.

Está correta a seguinte sequência de cima para baixo:

A) 1, 2, 2, 1.

B) 1, 2, 1, 1.

C) 2, 1, 1, 2.

D) 2, 1, 2, 2.

06. A referência à busca pela palavra exata é uma questão relacionada à língua em que a autora escreve. Para falar do assunto, Lygia aproveita, nas linhas 17 a 27, a fábula do viajante que encontra em uma encruzilhada um monstro de duas cabeças. A esse respeito, pode-se concluir acertadamente que

A) o monstro de duas cabeças, mostrando esperteza, põe a cabeça da razão do lado direito e a do coração, do lado esquerdo, lugar fisiológico onde se encontra o coração.

B) as duas cabeças soltam uma mesma massa espessa de fumaça, o que, de acordo com a autora, representa a maldade humana.

C) por serem gêmeas, as duas cabeças são igualmente perigosas.

D) o perigo advém da falta de controle inerente à cabeça da razão.

07. Na linha 48 a autora fala da "palavra exata", opondo-a a "nosso habitual diálogo" (linhas 48-49). Sobre essa oposição, considere o que se diz a seguir:

I. A palavra exata surge das preocupações exageradas com o uso do vernáculo, o que pode comprometer o discurso literário.

II. O que a autora chama de "nosso habitual diálogo" é o que resulta da despreocupação do escritor com o preciosismo vocabular, com as regras gramaticais, com a voz do crítico.

III. A busca da palavra exata e o uso do diálogo habitual são fenômenos responsáveis pela distância que muitas vezes se estabelece entre o discurso literário e a linguagem popular.

Está correto o que se diz em

A) I e III apenas.

B) I e II apenas.

C) I, II e III.

D) II e III apenas.

08. Entre as linhas 49 e 51 verifica-se um jogo de palavras que leva o leitor a refletir sobre hipóteses que Lygia levanta a respeito da arte, do diálogo, da amizade, da memória. Considerando as opiniões lançadas pela autora, no parágrafo, que antecedem esse trecho e o encaminhamento da leitura, atente às seguintes afirmações:

I. A autora aproxima o diálogo habitual da arte, da amizade e da memória, como se esses três elementos tivessem a mesma natureza.

II. Em "Passado Mais que Perfeito" (linhas 52-53), o uso de "Passado" em lugar de "Pretérito" e a omissão do hífen fazem com que a expressão deixe de indicar tempo verbal e ganhe a função de remontar a um tempo vivido.

III. Há uma relação entre a margem do rio e o passado. Uma leitura possível dessa metáfora consiste na ideia de que como o passado (tempo), o rio é algo que não volta e somente sua lembrança fica para se perpetuar na nossa memória.

Está correto o que se afirma em

A) I e II apenas.

B) I, II e III.

C) I e III apenas.

D) II e III apenas.

09. Entre as memórias que menciona no texto, Lygia conta que, ao solicitar de Oswald de Andrade ajuda para homenagear Érico Veríssimo, esquecera que Oswald não nutria simpatia por Érico (linhas 77-106). Assinale a opção que **NÃO** corresponde a uma das causas da desavença entre Oswald e Érico Veríssimo.

A) Érico não gostar de tango, negando suas raízes latinas.

B) A felicidade, que, segundo Oswald, preenchia a vida de Érico.

C) Érico continuar casado com a mesma mulher.

D) A indefinição política de Érico.

10. Assinale a opção em que **NÃO** há metáfora.

A) "a veia estática de tinta vermelha" (linha 31).

B) "sangue do pensamento ainda não pensado" (linha 32).

C) "perplexidade que me faz crepúsculo" (linha 34).

D) "Sentei-me diante da folha em branco" (linha 28).

11. Assinale a opção em que o enunciador remete ao título de uma das obras de Érico Veríssimo.

A) "participa deste tempo e deste vento" (linha 172).

B) "Aí estão seus livros, através dos quais você se manifesta" (linhas 170-171).

C) "centenas de personagens falando alto da sela de um cavalo" (linhas 174-175).

D) "Falando baixo do catre de uma prisão" (linhas 176-177).

12. Considere as afirmações seguintes sobre a organização enunciativa do texto:

( ) A opção pela estrutura formal de carta favorece as reflexões da autora sobre seu processo de escrita.

( ) No excerto "Não prever os cipós nos quais acabo me enrolando todas as vezes que saio do meu gênero" (linhas 8-10), enrolar-se nos cipós é uma metáfora para sentir dificuldade no desenvolvimento da escrita.

( ) A referência a "essa ideia do conto" (linha 37) traduz a tentação de voltar ao gênero conhecido como solução para iniciar a escrita do texto.

( ) O uso da expressão "transparência plástica" (linhas 30-31) contrasta o estado do instrumento de escrita com a fonte de criação – a mente da autora.

( ) A carta é considerada um diálogo a distância. No texto, a estrutura de carta permite que a cronista (remetente) estabeleça um diálogo com o destinatário e insira nesse diálogo trechos narrativos.

A sequência correta, de cima para baixo, é

A) V, V, F. F, F.

B) V, V, V, V, V.

C) F, F, F, V, V.

D) V, F, V, F, F.

13. No texto, Lygia Fagundes Teles expressa claramente sua impressão sobre Érico Veríssimo ser um homem muito simples, o que remete ao mesmo desprendimento de William Faulkner como autor. A esse respeito, assinale o que for correto.

A) A referência à entrevista de William Faulkner fez Lygia lembrar-se de sua vaidade e ambição no tempo de escritora iniciante.

B) A simplicidade da resposta que Érico deu ao estudante, ao dizer que era "apenas um contador de histórias" (linha 142), convenceu a autora a ser menos pretenciosa.

C) Percebe-se que Lygia, mesmo depois de tornar-se uma escritora experiente e reconhecida, ainda se choca com autores despojados como Érico e Faulkner.

D) Depois de ter lido a entrevista de Faulkner, Lygia revoltou-se com sua própria vaidade e pretensão.

14. Diz Érico Veríssimo que "o bom romancista é, ao mesmo tempo, um anjo e um cavalão..." (linhas 118-119) e "que no fim desapareça de todo a marca das patas e fique apenas a luz das asas" (linhas 124-126). Atente ao que é dito abaixo.

I. Érico alude aos símbolos da espiritualidade; "o anjo e as asas".

II. A par dos símbolos da espiritualidade, aparece também o símbolo da materialidade (as patas) que sugere a prisão do homem à terra.

III. Ao dizer que confia no instinto, o romancista gaúcho sugere que a espiritualidade vencerá a materialidade.

Está correto o que se diz em

A) I e III apenas.

B) II e III apenas.

C) I, II e III.

D) I e II apenas.

15. Observe a repetição das consoantes no seguinte excerto "em meio do alarido delirante do presente" (linhas 54-55) e assinale a afirmação verdadeira.

A) A repetição de fonemas sempre tem caráter intencional e efeito expressivo.

B) A repetição de fonemas produz no leitor uma reação unicamente emocional.

C) Um dos propósitos da aliteração é imitar o som natural.

D) A repetição do fonema "rê" na aliteração indicada provoca no leitor uma sensação de calma, de tranquilidade.

16. Atente ao excerto "Nem pedante nem sentimental, que ele não merece isso, repeti e fiquei sorrindo, porque nesse instante senti que você sorriu também" (linhas 39-42).

Sobre o uso dos pronomes pessoais "ele" e "você", afirma-se:

I. As duas formas referenciais apontam para um mesmo referente no texto.

II. Ambas as formas pronominais representam a segunda pessoa do discurso, a pessoa com quem fala o remetente na carta.

III. No trecho, a mudança da perspectiva narrativa para a perspectiva dialogal justifica a mudança de "ele" para "você".

Está correto o que se diz em

A) I e II apenas.

B) I e III apenas.

C) II e III apenas.

D) I, II e III.

17. De acordo com a lógica do texto, no terceiro parágrafo, percebe-se uma gradação que expressa a perplexidade da narradora. Assinale a opção que apresenta essa gradação corretamente.

A) Crepúsculo, uma coisa ambígua, nem dia nem noite.

B) Nem dia nem noite, uma coisa ambígua, crepúsculo.

C) Crepúsculo, nem dia nem noite, uma coisa ambígua.

D) Uma coisa ambígua, nem dia nem noite, crepúsculo.

18. Cacófato, termo que a gramática normativa insere como "som feio, desagradável, impróprio ou com sentido equívoco". O cacófato é formado pela sílaba final de uma palavra e pela inicial da seguinte. Observe a seguinte expressão: "você tem razão, Érico, por que a palavra exata? **Lá sei** por onde andará a palavra exata, tão melhor usar nosso habitual diálogo, testemunho de que não só a arte é diálogo, mas principalmente a amizade" (linhas 46-50). Nesse excerto encontra-se um cacófato. Atente ao que se diz sobre ele.

A) "Lá sei" forma uma terceira palavra — "lasei".

B) "La sei" é foneticamente igual a "lacei", o que forma uma expressão com sentido equívoco.

C) "La sei" corresponde a uma das formas do verbo "laçar".

D) "La sei", se entendido como "lacei" com "c", mantém o sentido do enunciado inalterado.

19. Assinale o que estiver correto no que se diz abaixo sobre "O bom romancista é ao mesmo tempo um anjo e um cavalão, trabalha com as asas" (linhas 118-119) e "Uma reuniãozinha simpática, com uma dúzia de pessoas, quem sabe... Não podia, não" (linhas 82-84).

A) Observa-se que a palavra "asas", um dos símbolos da espiritualidade é formada por fonemas mais suaves do que os que formam a palavra "cavalão": detalhe importante na leitura do texto.

B) A forma "cavalão" tem somente valor dimensional.

C) O vocábulo "cavalão" soma ao valor dimensional um valor altamente afetivo.

D) "Não podia, não", por apresentar uma negação dupla, foge ao que seria o habitual diálogo de que fala a autora.

20. Observe o que se diz a respeito dos excertos a seguir:

I. O enunciado "Seus livros — ah, com que amor você se devotou ao seu doce mundo." (linhas 163-165) é interjectivo e se concentra na informação dada pela autora.

II. As interrogações presentes no enunciado "E em algum momento você ficou indiferente aos problemas do nosso povo? Ao sofrimento desse povo?" (linhas 168-170) denunciam não um desejo ou necessidade de saber o que é desconhecido, mas a intenção de confirmar algo que a enunciadora já sabia.

III. No enunciado "Aí estão os seus livros, através dos quais você se manifesta, participa deste tempo e deste vento" (linhas 170-172), pode-se substituir, sem prejuízo do conceito, a expressão "através dos quais" por: *por meio dos quais*, *por intermédio dos quais* e *pelos quais*.

Está correto o que se diz em

A) I e II apenas.

B) I e III apenas.

C) II e III apenas.

D) I, II e III.